

10-2017

## Entre os Zulus da África do Sul

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Entre os Zulus da África do Sul. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/68>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

**A.M.** – Qual é o teu trabalho nos ‘hostels’?

**P. J. M. Sabença:** - A nossa missão principal é estar ali, no meio deles, como um sinal da presença de Deus. Por outras palavras, procuramos dizer-lhes que Deus os ama. Não fazemos muito por eles, mas, ao menos, começam a relacionar-se com alguém – um branco – que não é patrão. Procuramos ouvi-los, rezar com eles e entrar no seu difícil estilo de vida marcado pela desconfiança e pelo medo. Leva muito tempo a ganhar-lhes a confiança. No princípio éramos vistos como polícias. Agora, já somos aceites e recebidos como pessoas de Deus. A nossa presença ajuda, de certo modo, a criar a paz.

**A.M.** – Que balanço fazes destes três anos de África do Sul?

**P. J. M. Sabença:** - Ainda é muito cedo para fazer balanços. Mas, ao fim de três anos de trabalho, muitas vezes difícil e frustrante, começamos já a ver alguns frutos. Agora já falamos com as pessoas nos ‘hostels’, rezamos com eles, e até bebemos um copo. Procuramos formar pequenos grupos e integrá-los na paróquia local. Promovemos ainda pequenos projectos de desenvolvimento, tais como grupos de costura, aulas para ensinar a ler e escrever, para ensinar dactilografia, etc.

Estou convencido de que vale a pena continuar com esta presença, porque, como Igreja, precisamos de ir ao encontro das pessoas se queremos que elas pela Igreja se aproximem de Deus.

*Entrevista conduzida por Firmino Cachada.  
‘Ação Missionária’, Abril de 1996, p.3.*

## ENTRE OS ZULUS DA ÁFRICA DO SUL

*O P. José Manuel Sabença, missionário entre os Zulus da África do Sul, já é bem conhecido dos nossos leitores. Recentemente, esteve em Portugal, em período de férias.*

*Já por diversas vezes aqui tivemos ocasião de ler os seus testemunhos sobre o trabalho que está a fazer desenvolvido em condições difíceis e, por vezes, mesmo perigosas. Mas ele não é missionário para se deixar vencer ao primeiro desafio e viu a mão protectora de Deus nas situações*

*mais difíceis em que esteve envolvido, mesmo quando foi alvo de roubos à mão armada e saiu ileso. O sono daquelas noites parece que não foi tão sossegado, mas, com a confiança de Deus e com algumas precauções tomadas (a Providência não dispensa a cautela...) pôde continuar o seu trabalho de dedicação ao serviço daquele povo.*

*Com o P. José Manuel trabalha um outro jovem Espiritano português, o Damasceno, o qual está efectuando um estágio missionário de dois anos, antes de concluir os seus estudos de teologia e ser ordenado sacerdote.*

*A violência e o crime, juntamente com os roubos, são naquele superpovoado bairro de Clermont, na periferia da cidade de Durban, onde agora vivem, realidades sociais que mancham, tal como no resto da África do Sul, o esforço feito por muitos, incluindo o Governo do carismático presidente Nelson Mandela, para construir uma sociedade mais justa e mais fraterna. No dizer do P. José Manuel, é este o 'grande cancro social que afecta as relações entre os diferentes grupos raciais e impede um inter-relacionamento sadio entre eles'.*

*A enorme proliferação de armas e a falta de emprego estão na base desta calamidade social. Há gente de boa vontade – incluindo muitos imigrantes portugueses – que gostariam de colaborar, mas o medo de ser atacado ou privado dos seus carros torna este intercâmbio difícil. Daí que não seja de estranhar que o P. José Manuel e o Damasceno sejam os únicos brancos a viver no meio do bairro negro de Clermont, com cerca de 200 mil habitantes.*

*Mas, não há regra sem excepção, como aqui nos conta o P. José Manuel na primeira pessoa.*

### Um 'Mestre de Obras' improvisado

‘Apesar de tudo, conseguimos que alguns portugueses participassem em actividades realizadas na nossa paróquia, nomeadamente na construção de um salão-capela numa secção da paróquia (Kwa-Dabeka) e na renovação de um outro edifício da Missão.

A construção do salão-capela de Kwa-Dabeka não foi fácil. Por falta de meios financeiros suficientes, tivemos que nos lançar nós mesmos no empreendimento da obra. A princípio, tivemos que nos organizar para ir juntando o dinheiro necessário para arrancar. A própria comunidade foi colaborando com os seus donativos e sentindo que o projecto também era seu. De seguida, foi preciso contactar empresas para pedir materiais. Outros amigos se foram juntando ao nosso sonho, ao sonho daquele povo

que há mais de vinte anos ansiava por um local de culto próprio. Depois, tivemos que lançar mãos à obra e suar. Muita gente quis ajudar e ajudou: abrir alicerces, limpar o terreno, carregar tijolos, etc. Mas, quando se tratou de começar a alinhar as paredes, eu próprio é que tive de ser o Mestre de Obras!

Imaginem lá como não foi fácil! Se não tivesse sido o conselho sábio de alguns amigos portugueses, mestres em construção civil na África do sul, não teria caído só uma parede – como aconteceu! – mas talvez mais do que uma!...Este e outros percalços não me garantem um grande futuro como construtor, mas também não é esta a minha profissão. Prefiro ir construindo o Reino de Deus, que esse não tem paredes nem tecto.

Ao ver a alegria, o entusiasmo, o carinho e a festa com que a comunidade local celebrou a inauguração e bênção do seu salão-capela, penso poder dizer que o Reino de Deus cresceu no meio deles. Primeiro, foi uma festa de agradecimento a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra ajudaram na construção do salão. Vieram muitos, sobretudo portugueses, e houve palavras de agradecimento, canções, danças e, claro, boa comida! Depois, um mês mais tarde, foi a vez de o bispo da diocese, Mons. Wilfried Napier, vir abençoar o local e declará-lo espaço privilegiado para o encontro com Deus.

A festa prolongou-se por dois dias. No sábado, o Bispo presidiu a uma Celebração da Palavra, durante a qual fez a bênção do salão. No final, procedeu à bênção do boi, que iria ser utilizado para a grande festa do segundo dia, o domingo.

A renovação do outro edifício da Missão veio responder a outra urgência no bairro; uma atenção particular à juventude, a qual constitui a maioria da população. O objectivo principal é desviá-la das ruas, onde mata o tempo, ocupando-a com outras actividades mais sadias.

Foi feito um apelo ao Governo português, através dos Serviços Sociais da Embaixada de Portugal em Pretória, o qual deu apoio financeiro para a abertura de um Centro Juvenil a que se resolveu chamar 'CASA', ou seja, Clermont Arts and Studies Association. É um espaço onde, actualmente, o Damasceno desenvolve actividades para a juventude local, no ramo da música, da informática e do desporto.

Com esta iniciativa, pensamos poder influenciar e entusiasmar alguns milhares de jovens da região, na procura de um rumo para a vida, entusiasmando-os na preparação do seu futuro. A CASA foi inaugurada em Junho deste ano e contou com a presença do Cônsul de Portugal em Durban. Muito ficou ainda por dizer, particularmente sobre o nosso trabalho pastoral junto dos habitantes dos hostels e dos bairros de lata, onde

continuamos a manter uma presença assídua que vai fazendo crescer a Igreja como Povo de Deus.

Mas, há muito ainda a fazer e somos tão poucos! Se fôssemos 10 ou 20, haveria trabalho para todos. Fica aqui, pois, um apelo a ti, que és jovem e sonhas com um mundo melhor e mais justo: - Junta-te a nós e faz-te missionário porque, apesar das dificuldades, somos muito felizes quando ajudamos os outros a serem mais felizes’.

### **A Bênção do Boi**

Na cultura Zulu só há verdadeiramente festa, celebração e alegria quando há boi. Explico-me: Casamento tem boi, funeral tem boi, ordenação de padre tem boi, visitas de pessoa importante tem boi, festa de graduação tem boi, inauguração da pedra tumular tem boi, etc... etc... Quer dizer: só quando há carne para dar, com fartura, a toda a gente é que a festa foi mesmo valente. Este é um costume muito antigo que remonta aos tempos em que os Zulus viviam num contexto rural de um povo pastoril e guerreiro. Hoje em dia, mantém-se a tradição mesmo quando vivem num contexto urbano como a do bairro em que vivemos. É muito frequente ver às sextas-feiras as carrinhas que trazem o boi para as festas que vai haver no sábado ou no domingo.

Também a abertura oficial e bênção do salão-capela de Kwa-Dabeka não fugiu à regra. Daí que o povo tenha pedido ao Bispo para abençoar o boi. O que ele fez com água benta e tudo. Pedindo a Deus que o uso daquele animal – criatura de Deus – sirva para o regozijo, a alegria e o bem daquela comunidade. Depois da bênção um grupo de homens encarregou-se de matar o bicho! Depois de morto e esfolado ficou pendurado toda a noite. Ao abri-lo tiveram todo o cuidado em guardar a vesícula do animal e o seu conteúdo. No domingo de manhã houve a grande festa que se iniciou com a missa, alegremente vivida e participada com cânticos, danças e ofertas. Desta vez só estava presente a comunidade cristã de Clermont. Como, em certas ocasiões, ao matarem o boi querem honrar alguém em particular, resolveram desta feita agradecer-me a mim o trabalho que fiz com eles e por eles. Para manifestar esta alegria já no ofertório da missa, entre outras coisas, houve um bom pedaço de boi – talvez uns dez a 15 quilos de carne crua – que me foi oferecida e eu levei para casa. No final da missa, durante o tempo dedicado ao convívio e a festa, vieram os homens que tinham matado o boi e traziam consigo a vesícula do animal. Sentaram-me numa cadeira. Descalçaram-me e deitaram umas gotas do líquido da vesícula nos meus pés e na cabeça. Sinal de bênção e

de comunhão entre a festa que o boi vai proporcionar a todos e a pessoa que é homenageada. É também, em certo sentido, um ritual de aceitação da minha pessoa como um deles. Muitos diziam depois: agora és um Zulu e não podes deixar-nos. Este ritual é completado com a imposição de uma espécie de pulseira, cortada da própria vesícula e que a pessoa deve usar até ela se desfazer e rebentar com o tempo. Após tal tive que tentar dançar com eles – o que não é nada fácil. Mas, não sei se pelo meu esforço ou pelo meu pouco jeito, foi um dos momentos mais altos do convívio, expresso por toda a gente aos gritos de alegria e sorrisos de festa.

Enquanto tudo isto se fez, um grande grupo de pessoas tinha começado logo de manhã a cozinhar o boi, em grandes potes de ferro. À hora de almoço houve carne para toda a gente – e era muita – assim como arroz, pão típico, sem crosta, cozinhado em potes, salada de tomates e outras iguarias, tais como uma cerveja tradicional que as mulheres tinham preparado uns dias antes.

*‘Ação Missionária’, novembro de 1996, p.5.*

## ÁFRICA DO SUL DE SEGREGADOS A MARGINALIZADOS

*Estar e solidarizar-se com os habitantes do Hostels de Durban – África do Sul. José Manuel Sabença, ordenado em 1987, teve a sua primeira nomeação como missionário para África do Sul, entre os habitantes dos Hostels de Durban, de 1992 a 1997. É actualmente Director do 1º Ciclo de Teologia em Portugal. Ele descreve-nos a sua primeira e difícil, mas rica, experiência missionária (ainda bem viva na sua mente e certamente na de outros da sua comunidade de então), de solidariedade com as populações pobres desses Hostels, que ele fez, no período de tempo atrás referido.*

### UM NOVO PROJECTO NECESSITANDO DE OBREIROS

Em resposta a um pedido da Igreja local de Durban – África do Sul, e depois de um longo período de discernimento, a congregação enviou, em 1992, uma equipa europeia de 3 Espiritanos (dois da Província inglesa e um